

APRESENTAÇÃO

A INVISIBILIDADE E A VISIBILIZAÇÃO DE SUJEITOS NA SOCIEDADE: VIVÊNCIAS, REALIZAÇÕES, IDEIAS, RESISTÊNCIAS E PROJETOS

Profa. Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini
CNPq – NAP-CERU

Profa. Dra. Valéria Barbosa de Magalhães
USP

Profa. Dra. Maria Christina Siqueira de Souza Campos
NAP-CERU – USP

Me. Lilian Prado Pereira
USP

Na organização do número 35.1 do Cadernos CERU a opção foi dar ênfase à presença dos sujeitos na produção do conhecimento procurando desvendar e dar visibilidade a suas experiências, que no caso de muitos sujeitos, foram historicamente invisibilizadas.

Na perspectiva que foi progressivamente ganhando força nas Ciências Humanas e Sociais a partir dos anos de 1970, isto é, o reconhecimento da possibilidade de produzir um conhecimento científico pautado em perspectivas teórico-metodológicas outras que não engessavam a realidade social (como bem chamava atenção Roger Bastide que propôs a poesia como método sociológico, isto é, uma imersão na realidade social) foi ocorrendo o reconhecimento de fontes variadas e complementares para a compreensão dos fatos e processos sociais, nas várias disciplinas da História Oral contribuiu para tanto.

Essa é a perspectiva adotada pelos autores dos artigos aqui apresentados, que recorrem em seus estudos a documentos escritos, obras literárias, narrativas orais, imagens, além da própria participação dos pesquisadores na constituição e observação das publicações investigados. O importante é que os artigos remetem à discussão da abordagem teórica-metodológica do processo de pesquisa desenvolvido, das fontes utilizadas, das opções realizadas, o que sempre foi incentivado pelo CERU ao longo de seus 50 anos, principalmente por meio dos Encontros Nacionais que realiza há décadas e que acolhe pesquisadores para a discussão de seus estudos. Também a revista Cadernos, nesses mais de 50 anos de sua publicação testemunha a preocupação com o

desenvolvimento das pesquisas científicas, sendo um retrato de parte da produção em Ciências Sociais produzida desde 1968, ano da publicação do Cadernos número 1.

Os artigos tratam de sujeitos sociais diferenciados: mulheres e homens, escravizados, trabalhadores, religiosos, profissionais qualificados, imigrantes, refugiados políticos...

Remetem à vivências atuais ou em períodos mais remotos, mas todos contribuem para a compreensão da complexidade dos contextos sociais.

Alguns artigos apresentam propostas que diretamente remetem a uma maior atenção aos sujeitos invisibilizados na sociedade. Para tanto, além de analisarem realizações e acontecimentos, também propõe novos olhares sobre a questão dos patrimônios brasileiros com os quais se relacionam e como são visualizados pela sociedade e pelo Estado.

É o que os autores Tânia Maria de Araújo Caldas, Isabela de Fátima Fogaça explicitam em seu artigo: “Ressignificação do Patrimônio Cultural de Vassouras/RS a valorização de grupos sociais invisibilizados”. Tendo como metodologia as pesquisas bibliográficas e documentais em acervos históricos, reportagens em jornais e mídias digitais assim como a mudança de paradigma e o olhar ampliado sobre o patrimônio cultural, concluíram no sentido de que a valorização de grupos minoritários e diversos é fundamental para a conservação e proteção dos bens culturais arquitetônicos da cidade. Em suas palavras, essas ressignificações contribuem para uma nova compreensão das identidades do povo de Vassouras e das importantes contribuições que indígenas, negros escravizados e judeus trouxeram para a região e que construíram as riquezas deixadas como herança cultural importantíssima, geralmente apagada.

O artigo de Karoline Santana Guimarães e Fábio Pereira Cerdera adota a mesma perspectiva teórica ao buscar compreender as relações entre memória, cidade e patrimônio. Em seu texto denominado “Monumentos e luta: a violência como traço distintivo das poucas representações da classe trabalhadora nos patrimônios brasileiros”, prouaram evidenciar o patrimônio como instrumento de resistência e afirmação identitário. Os autores analisam alguns movimentos que foram construídos em homenagem a trabalhadores focalizando o memorial 9 de novembro em Volta Redonda projetado por Oscar Niemeyer em homenagem a três operários mortos durante a greve na CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) no ano anterior. A análise dos monumentos observada

na pesquisa evidencia que a memória coletiva desempenha um papel crucial na formação da identidade urbana de Volta Redonda e que o tecido da cidade está impregnado pela memória política e sindical que se manifesta também na tessitura da cultura local.

Pelo artigo de Renata Nascimento Mansur e Maria Amélia Gomes de Souza Reis somos conduzidos a reflexões sobre memória dos sujeitos deslocados que passam a viver em campos de refugiados. As autoras desenvolvem um projeto que visa trazer à tona metodologias capazes de construir consciências identitárias a partir de processos educativos emancipatórios. Para tanto tomam por base o patrimônio presente no Museu das Lembranças de Chalita, campo de refugiados palestinos no Líbano que para lá foram após o massacre de Sabra e Chalita, em 1982, procurando enfatizar o conjunto de sentimentos e emoções traduzidas em relação aos objetos de memória aí expostos. Como parte do processo de doutorado, a doutoranda realizou visitas aos acampamentos de refugiados podendo ampliar as reflexões que já vinha realizando, podendo aí conhecer iniciativas de educação realizadas no Museu das Lembranças desde 2004, com participação do sujeito refugiados.

Em sua visita de 2023, as autoras puderam observar e registrar por fotos aspectos importantes para a compreensão da difícil realidade, e assim como dos mecanismos museológicos utilizados no museu. A investigação analisa a discussão teórica sobre a elaboração do discurso pedagógico da museologia e sintetiza a proposta para uma participação do sujeitos dos processos de patrimonialização.

O objetivo do estudo é analisar as ações educativas ocorridas nos processos de patrimonialização do Museu de Lembranças, voltadas para a identificação da história de afirmação e resistência do povo palestino e para a recuperação de suas memórias soterradas. As autoras propõem museologias comprometidas eticamente com a transformação social.

As pesquisadoras Elis Regina Barbosa Ângelo e Isabela de Fátima Fogaça focalizam em seu estudo o Museu Imperial em Petrópolis para apresentar reflexões acerca das relações de poder e a reprodução da vida material imaginada e vivida da simbólica “cidade imperial”. O instigante artigo “Memórias, disputas e invenções: o passado do museu imperial na esteira do discurso hegemônico da tradição” está ligado “à reflexão sobre a criação do status do museu na década de 1940, como um dos museus da era varguista, parte da nacionalização da política e da identidade. Ao analisar detalhadamente o projeto de criação do museu, sua implementação e as várias atividades que passou a

exercer, as autoras, que são referência no estudo de patrimônios históricos, observam que a criação dos espaços museais e mesmo sua adaptação ao turismo contemporâneo foi palco de um imaginário e de um projeto de nação do Estado Novo que idealizaram as identidades forjadas na herança imperial portuguesa e na ideia de memória a ser lembrada e renovada pelo aval social e cultural.

Ao contrário dos artigos anteriores, as pesquisadoras Gabriela Dias Duarte e Inez El-Jaick Andrade abordam em patrimônio que apesar de fazer parte da história desde o século XVII na região de Itaboraí, no Rio de Janeiro, não é disponibilizada a população. Tratam-se das ruínas de um conjunto arquitetônico e arqueológico do Convento São Boaventura e da Igreja Matriz, da ordem dos franciscanos que vieram atuar no local com a distribuição de terras e povoamento da região; apesar de tombado, não tem merecido a atenção necessária dos órgãos públicos, de modo a incorporar a população na reconstrução da memória do processo de povoamento e dos vários grupos que aí viveram, principalmente os escravizados que eram maioria. O agravante é sua situação em uma propriedade do Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro que controla o acesso às ruínas, atualmente proibido.

A presença dos grupos escravizados africanos e indígenas vai sendo apagada. As autoras propõem a elaboração de um roteiro turístico cultural que incorpore a população e que pode ser importante elemento de representação local, como processos educativos construídos de forma coletiva e dialógica, recorrendo a educação patrimonial.

Alguns artigos abordam as marcas dos deslocamentos sobre as vivências, identidades e memórias do sujeitos. De modo geral, todos discutem questões da memória, dos processos e socialização que são veiculados entre gerações migrantes, as identidades construídas durante suas vivências nos novos contextos em que passaram a viver, entre outras. Destacam a importância das memórias de sujeitos pertencentes a grupos/famílias de imigrantes e como de alguma forma estão presentes na realidade atual.

O estudo realizado por Renata Piecha e Maria Catarina Chitolina Zanini, pautado em abordagem etnográfica e em narrativas, remete aos primórdios da colonização europeia no interior do Rio Grande do Sul, para onde vieram poloneses italianos e alemães. As autoras analisam as narrativas memoriais que emergiram durante a observação participante, verificando que as mulheres de Rincão dos Alves podem ser consideradas agentes ativos na manutenção de saberes-fazer de uma outra temporalidade, em processos de transmissão de conhecimentos e práticas que ocorrem

por/entre mulheres, em diferentes ciclos de vida. Chamam a atenção para as hierarquias vírgulas significados e práticas que correspondem a esse estilo de vida, que, como constataram, é oriundo de um modo particular de ocupação do território durante o período colonial e no qual o trabalho tem papel central. Ao focar nas mulheres, observaram que é pelo trabalho feminino e do ganho que dele advém, que a reprodução cotidiana camponesa é possível. Mas também que a história local ainda gira em torno dos homens, no passado e ainda no presente.

Outros dois estudos referem-se a imigrantes em outros contextos. O estudo realizado por Dolores Martin Rodrigues Corner discute a temática da cozinha étnica, ou cozinha de afeto. A autora retoma discussão teórica sobre cultura popular e cultura erudita, assim como sobre memória, para evidenciar os traços culturais de um grupo social, a maneira de viver e a cultura do sujeitos anônimos. Considera que uma das memórias mais marcantes dos imigrantes se refere à alimentação, como traço cultural incorporado desde a infância e que os acompanha também quando se deslocam. Conclui que a cozinha étnica é fator de identidade, considerada um patrimônio cultural imaterial.

A pesquisadora Ivone Dias Avelino assume uma perspectiva autobiográfica para tratar das questões da memória e das tradições de imigrantes portugueses. Para tanto, pauta-se nas lembranças veiculadas na família sobre as tradições que carregam desde Portugal, focalizando a festa de São João que era realizada na cidade de São Paulo, que na época de sua infância apresentava outras características, que permitiam a realização das atividades tradicionais no tocante às danças, músicas e comidas. Permite comparações com as vivências atuais.

Em outro artigo, Ismael Eduardo Schwartzberg Arteaga também busca combater o apagamento da memória coletiva provocado pelas políticas estatais e suas formas encobertas de colonização do conhecimento. Parte do conceito de Ch'ixi, teorizado pela socióloga boliviana Silvia Rivera Cuzicanqui, para entender a heterogeneidade e a diversidade da sociedade boliviana e sua lógica na migração boliviana em São Paulo. Observou em sua pesquisa as semelhanças entre estratégias utilizadas por sujeitos imigrantes bolivianos para se integrar e se expandir economicamente em novos contextos (São Paulo e Buenos Aires), recorrendo para tanto a complementaridade entre os planos material e espiritual.

Entre os artigos com enfoque em épocas mais remotas, dois também se referem a sujeitos que vieram de outras regiões para o Brasil, mas em condições totalmente opostas:

um deles trata de imigrantes norte-americanos que vieram para o Rio de Janeiro e São Paulo na segunda metade do século XIX e o outro da vinda forçada de escravizados de regiões da África para o Brasil na segunda metade do século XVII.

Autora do artigo sobre os norte-americanos, Isabel Orestes Silveira, procura discutir a memória de longa duração para problematizar como tem sido a aquisição, a consolidação e a evocação da memória do sujeitos, no caso missionários presbiterianos, e educadoras importantes. Baseando o estudo em base bibliográfica e fontes históricas, analisa como a memória evocada e as relações entre o sujeitos evidencia fatos passados e a consolidação de suas trajetórias no período de 1859 a 1870 nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, assim como a permanência do seu legado desses imigrantes para as mesmas.

Os sujeitos escravizados são visibilizados no estudo sobre tráfico negreiro e escravidão no Brasil na segunda metade do século XVII, de autoria de Alzira Lobo de Arruda Campos, Marília Gomes Ghizzi Godoy e Patrícia Margarida Faria Coelho. Busca contribuir para o que as autoras chamam de indústria da escravidão e lançar luz sobre a memória institucionalmente apagada sobre essa temática. Para tanto, a escravização dos negros africanos que teve longa duração de séculos até o final do século XIX é observada por meio dos registros anotados nas Atas da Câmara de 1684 a 1700 em Salvador, onde funcionava o principal mercado de escravos da época. O estudo indicou que os lucros ficavam concentrados nas mãos de uma elite e os sujeitos escravizados são tratados como coisas. Os registros apontam como o sujeitos na condição de negro africano "escravizado" diferia de outros deslocados, como vivenciaram trajetórias diversas na realidade brasileira, que levaram a persistência de desigualdades sociais até os dias atuais. O estudo sobre o tráfico negreiro com base nas Atas da Câmara, configura-se importante não só para constatar as condições desumanas em que eram os escravizados submetidos em sua travessia forçada, mas também como procuravam se insurgir contra o tráfico, como sujeitos ativos.

O dossiê completa-se com três importantes artigos que, também na perspectiva sócio-histórica, analisam as trajetórias de sujeitos que se destacaram por suas ideias e atuação na realidade social: duas missionárias, um arquiteto paulista, um religioso que desde o século XVII mantém suas ideias em discussão.

O texto de José Carlos Alves Pereira aborda as histórias de vida de duas religiosas, as irmãs Sandra Pinto de Souza e Darcilla Antonioli, que desenvolveram um trabalho longo e de natureza diversa junto a diversos grupos populacionais de camadas sociais

baixas, pessoas que lutaram para viver sob condições adversas num ambiente de poder, do patriarcado e do capitalismo vigentes ainda na sociedade. Aparentemente não havia saída para essa situação, pois muitas normas jurídicas e procedimentos institucionais davam apoio à realidade existente. No entanto, as irmãs foram capazes de enfrentar as dificuldades encontradas e trabalhar junto a essas camadas desfavorecidas chegando a ver esses grupos populacionais em condições bem distintas daquelas em que os haviam encontrado. Ambas já faleceram atualmente, mas seu trabalho foi tão significativo que deixou um legado inesquecível, tanto para o autor do texto que quis dar divulgação ao mesmo com este artigo.

O artigo de Patrícia Sadaike trata da produção artística e, ao mesmo tempo, da atuação política do arquiteto João Batista Vilanova Artigas que se tornou conhecido desde a década de 1940 até meados da década de 1960, após a consolidação da ditadura militar no Brasil. Sem dúvida, foi uma das figuras mais expressivas da arquitetura moderna na cidade de São Paulo, ao mesmo tempo em que se tornou conhecido por sua militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Além disso, foi editor da revista Fundamentos, que reunia intelectuais e artistas de esquerda, ansiosos por criticar o modernismo sob a ótica do realismo socialista. O artigo analisa alguns dos trabalhos arquitetônicos de Vilanova Artigas, procurando salientar suas concepções estéticas e artísticas. A autora procurou entender como o famoso arquiteto e militante político procurou romper com a doutrina vigente na época querendo encontrar uma linha própria para a arquitetura e o urbanismo modernos do Brasil.

Andrea Gomes Bedin dá um salto para o passado com sua análise dos sermões do Pe. Antônio Vieira, muito lidos na época do barroco. Nessa ocasião, os pregadores tinham grande fama e, desde que registrassem por escrito suas pregações, sua obra passava a ser conhecida muito além da região onde atuavam. E a repercussão de seu trabalho ocorria tanto no espaço europeu como no da colônia portuguesa da América. O padre Antônio Vieira era jesuíta que se distinguiu em todo o século dezessete, tendo contribuído para o desenvolvimento da história colonial. Graças a seu grande conhecimento da língua portuguesa e de história, foi capaz de fazer prédicas que se tornaram muito conhecidas tanto na época como posteriormente por todos que se interessaram pela literatura da colônia.

Impossível lançar essa Revista do CERU, instituição que sempre se preocupou com os problemas da realidade brasileira, sem nos referirmos à tragédia que está sendo

vivenciada pela população gaúcha. Quando optamos por abordar nesse número a questão dos sujeitos, sua invisibilidade social e modos de trazê-los à tona por meio de pesquisas e propostas, o desastre ambiental ainda não havia ocorrido. Uma população que já havia passado o longo período da pandemia trancada em suas casas, de repente é delas expulsa, englobando milhares de sujeitos de mais de 400 municípios. Sem casas, com medo de voltar para suas moradias anteriores afetadas pelas águas poluídas, e com interrogações sobre o futuro.

Retomamos aqui o final da entrevista de uma moradora da Ilha do Bonito, atualmente morando em um abrigo na cidade de Torres com sua família, que terminou assim sua entrevista depois de duas semanas de tragédia: “precisamos de visibilidade”. Esse número é dedicado a todos que estão enfrentando a tragédia e aos que os auxiliam presencialmente ou por meio das redes de solidariedade que se formaram a distância.